

A INDÚSTRIA precisa mostrar sua relevância

por Beatriz Cardoso

Na presidência do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) desde março, **José Firmo** tem reiterado que sua gestão vai focar na inovação como a melhor forma da indústria de óleo e gás alcançar a competitividade. Engenheiro, com MBA em Administração de Empresas pela Rotterdam School of Management da Universidade Erasmus (Holanda), Firmo, que é vice-presidente da Seadrill, vai conciliar essa dupla gestão (IBP é uma atividade pro-bono, frisa o executivo) respaldado em seus mais de 25 anos de experiência na área de serviços da indústria de óleo e gás. “Sou um brasileiro que acumulou muita experiência internacional, e tenho como drive de ajudar a maximizar o valor e os benefícios que o Brasil pode extrair desse potencial extraordinário da indústria de óleo e gás”, pontua nessa entrevista exclusiva à TN Petróleo.

TN Petróleo – Você entrou para a diretoria do IBP em março, foi indicado em junho para a presidência, eleito em assembleia Geral Extraordinária no dia 4 de agosto, por unanimidade, antes do prazo usual e será o primeiro dirigente do IBP a vir de uma prestadora de serviços da cadeia de óleo e gás, como destacou Camargo. O que isso representa? O que mudou: o IBP, a indústria, a cadeia produtiva?

José Firmo – O IBP sempre teve diretores de área de serviços e de

outras áreas, como o downstream. Fui convidado pelo Jorge Camargo (ex-presidente do IBP), argumentando que seria importante ter alguém sem a visão tradicional do E&P. O setor de petróleo vive um momento de abertura e o Conselho considerou oportuna a vinda de alguém que tivesse afinidade com a área de E&P, independente de qual segmento essa pessoa viesse.

Há uma nova correlação de forças entre as entidades do setor de óleo e gás, uma vez que ele é cada vez

maior e há um número maior de entidades representativas?

Nosso interesse é trabalhar, cada vez de modo integrado, para mostrar para a sociedade a relevância da nossa indústria.

Você vai se licenciar da vice-presidência da Seadrill?

Vou conciliar as duas tarefas e honrar a missão de presidir o IBP – que é uma atividade pro-bono - neste momento tão importante para a indústria de óleo e gás e para o país.



Foto: Divulgação

“
ESSA SERÁ UMA PRIORIDADE ABSOLUTA DO IBP. E A PRIMEIRA INOVAÇÃO QUE PRETENDEMOS INTRODUIR ESTÁ MAIS NA FORMA DE COMO VAMOS NOS COMUNICAR E EXPRESSAR A RELEVÂNCIA DO SETOR DE ÓLEO E GÁS E A NOSSA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE. ESTAMOS PRESENTES EM QUASE TUDO: DE COSMÉTICOS A PNEUS; DE FÁRMACOS A UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS DE PLÁSTICOS. PRECISAMOS LEVAR ESSE CONHECIMENTO À SOCIEDADE.
”

Como diretor-presidente da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Petróleo (Abespetro) você alavancou a entidade, que completou dez anos, aproximando-a ainda mais do IBP. Essa proximidade contribuiu para a indicação a presidência do IBP? A Abespetro foi uma plataforma?

A Abespetro me inspirou para esse trabalho institucional. O mais fascinante desse trabalho é quando você consegue ver um avanço, os benefícios para a indústria. E essa experiência vem, sem dúvida, da minha

atuação na Abespetro, da qual meu orgulho muito.

Ouvi de dirigentes importantes da indústria, que nesse momento de forte transformação, o setor e o IBP precisa ter maior sinergia com as entidades representativas dos diversos segmentos da cadeia produtiva de óleo e gás. Esse será um de seus desafios e uma das razões de você estar à frente do instituto?

Como já mencionei, nosso desejo é mostrar para a sociedade a relevância da indústria brasileira de óleo e gás

e como o setor pode ajudar o país a retomar o crescimento.

De que forma a experiência adquirida à frente da Abespetro vai facilitar ou ajuda-lo no comando da chamada Casa da Nossa Indústria, uma vez que você hoje representa aqueles que no passado eram os contratantes das empresas associadas à Abespetro? Buscamos somar forças e trabalhar de modo integrado para nos prepararmos para os desafios à frente e tornar toda a cadeia de óleo e gás mais competitiva.

Ao ser eleito, você disse que espera agregar uma certa “dose de inovação”. O que você espera inovar no IBP? O que você acredita que pode trazer de novo, com essa visão diferenciada que tem como prestador de serviços da cadeia de óleo e gás, com quase três décadas nessa área? Sim. Vamos focar na inovação como forma de alcançar a competitividade e essa será uma prioridade absoluta do IBP. No caso da gestão do IBP, a primeira inovação que pretendemos introduzir está mais na forma de como vamos nos comunicar e expressar a relevância do setor de óleo e gás e a nossa contribuição para a sociedade.

O IBP completou 60 anos e passou por uma grande reestruturação, fruto da própria transformação da indústria de óleo e gás no Brasil, com as alterações na política de E&P, conteúdo local e calendário de leilões, e no mundo, em função da economia de baixo carbono. Falando um pouco do cenário local, na sua visão, quais os grandes desafios que o IBP tem pela frente? E quais as grandes vantagens, em função desses 60 anos de atividades ininterruptas?

O setor de energia passa por uma profunda transformação. Em algum momento nas próximas décadas chegaremos ao pico de demanda por petróleo. A partir de então, poderá haver um declínio da demanda. Em paralelo, ocorre aumento dos combustíveis renováveis na matriz energética e o comprometimento dos países na COP 21 com uma economia de baixo carbono. Por isso, não podemos perder essa janela de oportunidade. Temos de repensar o setor e nos adaptar a transformações. O Brasil tem uma riqueza geológica e temos de nos preparar para não perder a oportunidade de transformar esse grande potencial em reservas a fim de maximizar esse enorme potencial e convertê-lo em riqueza para o país. Cabe ao Brasil acompanhar o ritmo

acelerado das mudanças no mundo e fazer ajustes nos campos fiscal e regulatório, por exemplo, para extrair o máximo de valor. A experiência de 60 anos do IBP é um ativo importante nesse processo.

A expectativa é de que haverá uma mudança radical no perfil da indústria, em função da própria desinvestimento da Petrobras em segmentos como o de gás natural, downstream, etc. Tanto que o IBP se reestruturou e criou secretarias executivas nessas áreas. Como ser o representante de tantos players em tantos segmentos?

O IBP está preparado e estruturado para atuar nessas diversas frentes. No ano passado, criamos uma Secretaria Executiva de Downstream e ampliamos a área para dar conta das novas demandas do mercado. Além disso, contamos com profissionais experientes e jovens talentos, tanto na equipe do IBP, como nos milhares de voluntários que atuam em nossas comissões para cumprir a nossa missão de representar os diversos elos da cadeia de óleo e gás.

O IBP também vem ampliando a sua atuação no campo do advocacy. Ou seja: tem buscado cada vez mais ter voz, defender mais de perto e em todas as instâncias os interesses dos seus associados. Você também fazia isso na Abespetro. Esse é um dos papéis que o IBP pretende reforçar sob a sua direção, como sinalizam as reuniões com o ministro de Minas e Energia Moreira Franco?

O IBP já cumpria esse papel e estamos reforçando nossa atuação e engajamento com os diversos stakeholders do setor, mas, mais uma vez, a nossa prioridade neste ano é mostrar a relevância da nossa indústria tanto na economia, no segmento industrial, na arrecadação de estados, municípios e da União e, sobretudo, na vida das pessoas. Estamos presentes em quase tudo: de cosméticos a pneus;

de fármacos a utensílios domésticos de plásticos. Precisamos levar esse conhecimento à sociedade.

E quanto ao papel de entidade técnica, geradora e disseminadora do conhecimento, consolidado nesses 60 anos. Vocês pretendem deixar esse papel com as comissões e a universidade corporativa?

As comissões técnicas são a base do conhecimento do IBP, o nosso DNA. São fruto da dedicação – voluntária – de profissionais dos mais diversos elos do setor de óleo e gás que geram insumos para as atividades desenvolvidas pelo IBP: eventos, cursos, normas técnicas, publicações. Hoje, temos mais de 37 comissões e 1.100 profissionais atuantes. A indústria mudou e seguimos evoluindo em conjunto. Capacitação é uma peça fundamental dessa engrenagem e o IBP vem se estruturando para atender as novas demandas. A universidade corporativa é um projeto focado nesse desenvolvimento.

Qual a proposta dessa universidade? Como ela irá se chamar e o porquê dessa iniciativa?

A UnIBP é a Universidade do Setor de Petróleo, Gás e Biocombustíveis. É o nosso grande projeto de educação para este ano, uma evolução do trabalho que temos realizado ao longo da história do IBP na área de treinamento. Estruturamos parcerias importantes com a USP e a PUC-Rio. E o IBP tem uma responsabilidade de contribuir para a capacitação de uma nova geração de profissionais que serão responsáveis pelo futuro da indústria de óleo e gás no Brasil.

A questão do conteúdo local e do licenciamento ambiental ainda geram muita discussão. No primeiro caso, ainda não se chegou a um consenso, que satisfaça a todos os segmentos: operadores e fornecedores. Isso será possível?

O futuro do conteúdo local precisa ser discutido e temos de nos planejar para avançar em tecnologia e nos preparar para o aumento da demanda quando os campos arrematados nos últimos leilões vão entrar em fase de desenvolvimento. Temos oportunidade de sentar e planejar, em cinco e seis anos, as melhores práticas e buscar o conteúdo vocacional da indústria, com mais inovação e tecnologia, assegurando que teremos capacidade de atender à demanda futura. Estou falando de indústria 4.0, do uso da inteligência artificial, manutenção preditiva, entre outros. No que diz respeito à política, acredito que vamos chegar a um bom termo, como já ocorreu com a simplificação das regras de conteúdo local no ano passado.

No segundo caso, vimos que o licenciamento ambiental continua sendo um dos maiores entraves, tanto em termos de tempo (longo) quando de impasse. Há casos de estudos ambientais rejeitados mais de uma vez, relatados pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) o que mostra que não são assim tão confiáveis. Fala-se em simplificar processos, instituir ritos de acordo com a complexidade dos ativos

(rito simples para menor risco, rito complexo para maior risco, etc.). De que forma o IBP pode contribuir para essa discussão?

O licenciamento é uma engrenagem fundamental para desenvolver um projeto de E&P, sem ela não há avanço. Por isso, defendemos um licenciamento qualificado, de altíssimo nível, que assegure todas as compensações, reparações e estudos previstos. Nosso objetivo é devolver a área, ao final de nossas operações, nas mesmas condições que a encontramos. Esse é o objetivo e o mandato que as empresas dão a todos os executivos do setor, que sempre prezam pela sustentabilidade. Queremos construir uma relação de confiança, um trabalho de cooperação e parceria com os órgãos ambientais. O IBP junto com os demais agentes pode ajudar a avançar muito na objetividade do licenciamento. Assegurar que existe um conhecimento anterior do requerimento e, dessa forma, uma avaliação criteriosa sobre se as exigências foram atendidas.

Você é um engenheiro eletromecânico com pós-graduação em Administração de empresas com sólida carreira internacional. Como você se define hoje: um empreen-

dedor? Alguém que gosta de novos desafios?

Sou um brasileiro que acumulou muita experiência internacional, e tenho como drive de ajudar a maximizar o valor e os benefícios que o Brasil pode extrair desse potencial extraordinário da indústria de óleo e gás. Toda essa experiência lá fora conta, sinto que posso colaborar para trazer as melhores práticas de gestão e de uso da tecnologia, vi muita coisa que funcionou em outros países. Precisamos maximizar a transformação dessas reservas em riqueza para a sociedade.

Qual a mensagem que você gostaria de dar ao mercado?

A nossa prioridade neste ano é mostrar a relevância da nossa indústria para a sociedade e o impacto significativo para a economia brasileira, a geração de emprego e renda, a inovação tecnológica, e o desenvolvimento de pessoas. Precisamos nos comunicar melhor e levar todo esse conhecimento aos diversos stakeholders. É preciso também engajar nos avanços do debate das mudanças climáticas e integrar os elos da cadeia de óleo e gás na discussão do futuro da matriz energética brasileira. ■

PETRÓLEO | GÁS | BIOCMBUSTÍVEIS

tn
Petróleo

INFORMAÇÃO
DE QUALIDADE.

Para você curtir!



www.facebook.com/tnpetroleo